

Empreendedores: o que a escola tem com isso?

SANDRA REGINA DO AMARAL¹

RESUMO

Este estudo tem por objetivo averiguar se a escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos, estabelecendo como base teórica Dolabela (2003), Fischer (1987), Ostrower (1983), Perrenoud (2002) e Pombo (2005). Parte-se do princípio que o saber empreendedor ultrapassa o domínio de conteúdos científicos, por estar relacionado à garantia do saber útil, que pressupõe a promoção de um ensino significativo, estimulador da ousadia, da criatividade e da perseverança. Defende-se que o espírito empreendedor é um potencial inerente a todo ser humano, já que está relacionado à capacidade de criar, de ter novas ideias e de gerar novos conhecimentos. Nesta perspectiva, para ser um empreendedor de sucesso, é preciso que o aluno seja capaz de traduzir o sonho em ação, de unir imaginação e determinação, de modo que a escola se apresenta como um dos primeiros passos para essa trajetória, pois como instituição formal de ensino, torna-se uma das responsáveis pelo desenvolvimento de atividades que estimulem a memória e o raciocínio, enfim, a escola apresenta-se como uma das possibilidades da materialização do espírito empreendedor, que é necessário, para que o sonho se transforme em algo concreto.

PALAVRAS-CHAVE: Saber empreendedor. Conhecimento. Criatividade.

ABSTRACT

This study aims to determine if the school has explored the entrepreneur to know their students, setting as a theoretical basis Dolabela (2003), Fischer (1987), Ostrower (1983), Perrenoud (2002) and Pigeon (2005). It starts from the principle that knowledge entrepreneur goes beyond the field of scientific content, because it is related to the guarantee of knowledge that is useful, which involves the promotion of a meaningful education, stimulating the boldness, creativity and perseverance. Argues that entrepreneurship is a potential inherent in every human being, since it is related to the ability to create, to have new ideas and generate new knowledge. In this perspective, to be a successful entrepreneur, it is necessary that the student is able to translate the dream into action, to unite imagination and determination, so that the school presents itself as a first step for this path, because as a formal institution education, becomes one of those responsible for the development of activities that stimulate memory and reasoning, in short, the school presents itself as one of the possibilities of the materialization of entrepreneurial spirit that is necessary so that the dream is transformed into something concrete.

KEYWORDS: Knowledge Entrepreneur, Knowledge, Creativity.

¹ Doutora em Ciências da Educação. Prefeitura Municipal de Vila Velha.
E-mail: sandraaamaral@gmail.com

OBJETIVO

Averiguar se a escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos.

PROBLEMA

A escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos?

JUSTIFICATIVA

Considerando que a função atual da escola é a promoção de um ensino que leve as crianças a construir conhecimentos cada vez mais complexos, explorar o saber empreendedor dos alunos, mostra-se como uma das possibilidades de garantir o sucesso da aprendizagem. Para ser empreendedor, não é necessária uma determinação genética, mas a materialização de uma competência que é latente ao homem e pode ser desenvolvida tanto na família, quanto na escola, assim como nos demais locais no qual se estabeleça uma relação social. Pois o saber empreendedor não se limita ao domínio de conteúdos científicos, abrange o desenvolvimento das habilidades criativas, como intuir, criar, ter ideias e gerar conhecimentos, que fazem emergir no ser humano suas aptidões, sua capacidade de interrogar, de descobrir e de procurar respostas. Mas acredita-se que devido à retórica histórica da escola, ainda é tímido o desenvolvimento de tais habilidades, ou seja, que a escola, ainda tem explorado muito sutilmente o saber empreendedor de seus alunos.

EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Considerando que o objetivo do presente estudo é averiguar se a escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos. É importante pensar nas funções da escola, tendo como ponto de partida a pergunta proposta pelo título "Empreendedores: o que a escola tem com isso?".

Numa perspectiva tradicional, a escola tem pouco ou nada a ver com isso, pois não é seu papel a promoção de um ensino significativo, estimulador da ousadia, da criatividade e da perseverança. Ao contrário, o ensino promovido nesta perspectiva, é útil à

hegemonia burguesa e estabelece uma escola dualista. Nestes moldes, conforme relata Aranha (1996), a escola assumiu a função de aparelho ideológico, ajudando a mascarar as diferenças de classe, bem como a exploração da qual a classe trabalhadora era vítima, sendo a esta reservada uma educação elementar, diferente da elite.

Mas num mundo em constante mudança, surgem movimentos de inovação, dentre eles, no final do século XIX os ideais da Escola Nova. De acordo com Aranha (1996, 108), nesta perspectiva, deixa de ser papel da escola transmitir o conhecimento acumulado e passa ser sua função: "(...) preparar o homem para uma sociedade dinâmica, em constante mutação".

Na segunda metade do século XX, Luckesi (1994, p.69) aponta, com base no desenvolvimento de uma pedagogia social e crítica, como função da escola: "(...) a difusão de conteúdos, não abstratos, mas vivos, indissociáveis das realidades sociais". De modo que, para garantir um bom ensino a escola precisaria estar a serviço dos interesses populares e desenvolver conteúdos que tivessem consonância com a vida de seus alunos.

O século XXI, por sua vez, é marcado pela bandeira da democratização do acesso, da permanência e do sucesso escolar. Mas para isso a escola deve apresentar-se como:

(...) um ambiente acolhedor, que promova a liberdade de pensamento, que incentive a ousadia nas formas de expressão, que valorize a descoberta do novo. (...) um local onde os outros possam aperfeiçoar seus processos sensoriais, perceptivos e imaginativos. Isso pode ser alcançado por meio de experiências que estimulem a exploração, a experimentação e a criação. Esta postura contribui para que a escola confirme sua função de instituição social voltada para uma ação que leve as crianças a construir conhecimentos cada vez mais complexos e também a se engajarem em novas possibilidades de ação. É conhecendo, explorando e criando que as crianças se constituem enquanto sujeitos (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 70).

O que leva a defesa de que a prática pedagógica é uma ação permeada por fatores que podem agir como facilitadores ou inibidores das habilidades criativas.

Afinal, conforme frisa Kauark e Muniz (2008, p. 74), “Uma pessoa motivada é claramente comprometida com o que faz e é capaz de dar o melhor de si, dedicando tempo e esforço na busca do novo (...)”, desenvolvendo assim novas habilidades, o que aumenta a possibilidade de sucesso, por outro lado, uma pessoa desmotivada pode desencadear o fracasso.

Evidencia-se assim, que um ensino para ser significativo, não deve ser centrado apenas no desenvolvimento intelectual, mas também estimular a imaginação, a intuição, a criatividade, a ousadia e a determinação. A imaginação é destacada por Davis e Oliveira (1994), como uma habilidade importante por não se limitar a uma cópia fiel de objetos ou situações; constituindo-se como representações construídas por meio de imagens mentais acerca do mundo real, apresentando-se assim, como um reflexo criativo da realidade.

Como salienta Ostrower (1983, p. 58), a intuição também é uma valiosa ferramenta do trabalho criativo, pois intuir significa “questionar, indagar, apreender e avaliar o real das coisas, intuitivamente, é um caminho de conhecimento típico do homem. Caminho dos mais criativos (...)”. De modo que intuir, assim como imaginar, criar ou pensar, representam para o homem a busca por ordenações e significados, enfim, o homem não cria apenas porque quer ou gosta, ele cria porque precisa, faz parte de suas necessidades humanas, dá sentido à sua vida.

**“ Evidencia-se assim,
que um ensino para ser
significativo, não deve
ser centrado apenas no
desenvolvimento
intelectual, mas também
estimular a imaginação, a
intuição, a criatividade,
a ousadia e
a determinação. ”**

Dar-se então, significado à vida por meio de processos de construção, no qual não há separação entre o consciente racional e competências criativas, pois elas encontram-se diretamente ligadas. Ostrower (2003) explica que:

Além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjecturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina. Utilizando seu saber, o homem fica apto a examinar (...) e fazer novas opções (p. 55).

Isso ocorre porque as faculdades criativas, atrelada à capacidade humana de identificar, examinar e fazer escolhas permite que o homem incorpore a si aquilo que não é, mas tem possibilidade de ser. Um exemplo disso, conforme demonstra Fischer (1987, p. 13), é o fato de a arte refletir “(...) a infinita capacidade humana para a associação, para circulação de experiências e idéias”. A arte, assim como toda e qualquer atitude reflexiva, faz emergir no ser humano suas aptidões, sua capacidade de interrogar, de descobrir e de procurar respostas.

Perrenoud (2002) esclarece que as pessoas por possuírem a capacidade humana de realizar coisas, têm latente em si os potenciais humanos, que geram a possibilidade de serem mais do que são, trata-se então das competências de cada um, que uma vez realizadas, são identificados como habilidades, ou seja, a habilidade é a concretização da competência, sua forma de realização.

Nesta perspectiva, entendendo que as habilidades não são inatas, e sim construídas, defende-se com base em Dolabela (2006) que intuir, assim como, criar, ter ideias e produzir conhecimentos, são habilidades necessárias para a constituição de um saber denominado empreendedor; instituído como algo que ultrapassa o domínio de conteúdos científicos, estando assim relacionado ao saber útil, a realidade, aos sonhos e aos anseios dos envolvidos.

Dolabela (2006, p.26) frisa que “(...) a tese de que o empreendedor é fruto de herança genética não encontra mais seguidores”. É importante entender que o espírito empreendedor não está relacionado a uma determinação genética, é um potencial inerente a todo

ser humano e está relacionado às suas capacidades e potenciais humanos.

As reflexões de Pombo (2012) também reforçam a idéia de que todo ser humano tem a competência para ser empreendedor, mas salienta que suas experiências sociais nem sempre lhe fornecem a possibilidade de desenvolver suas habilidades empreendedoras, destacando ainda que, ser criativo, ter ideias e ser determinado, são características consideradas essenciais ao empreendedor bem sucedido.

A pedagogia empreendedora, de acordo com Vasconcelos (2007), permitirá a defesa de que é preciso o desenvolvimento de um trabalho que estimule a capacidade de sonhar dos alunos, mas, mais que isso, que permita desenvolver as habilidades necessárias para torná-los realidade. E para isto faz-se necessária uma prática educativa mais dialogada, significativa e contextualizada, para que os alunos compreendam a utilidade daquilo que estão aprendendo e desenvolvam o desejo pelo aprender.

Dolabela (2006) explica que o empreendedor é um sonhador, mas como sabe pensar em formas de tornar o sonho realidade, também é um otimista, uma pessoa que vive no futuro, mas não se limita a sonhar com o futuro, pois teu desejo lhe faz sair da área do sonho e partir para a ação. O otimismo apresenta-se como algo fundamental, pois permitirá que o empreendedor encare o fracasso de forma positiva, fazendo de cada obstáculo e dificuldade, uma nova oportunidade. E isto lhe concede, ao mesmo tempo, a qualidade de sonhador e de realista, e lhe fornece a energia necessária para não desanimar e continuar trabalhando, em prol de seus objetivos, ou seja, da realização de seus sonhos.

E nesta perspectiva, ao refletir sobre o título “Empreendedores: o que a escola tem com isso?”, é possível pensar na escola como uma das possibilidades da materialização do espírito empreendedor, que é necessário, para que o sonho se transforme em algo concreto. Dolabela (2003) esclarece que o sonho tem a capacidade de trazer benefícios, somente quando passa por este processo de transformação. O que permite afirmar que, mais do que sonhar, é preciso dar sustentabilidade aos desejos, buscando formas de realizá-los.

“O otimismo apresenta-se como algo fundamental, pois permitirá que o empreendedor encare o fracasso de forma positiva, fazendo de cada obstáculo e dificuldade, uma nova oportunidade. E isto lhe concede, ao mesmo tempo, a qualidade de sonhador e de realista, e lhe fornece a energia necessária para não desanimar e continuar trabalhando, em prol de seus objetivos, ou seja, da realização de seus sonhos.”

Enfim, apesar de ser um potencial inerente ao homem, o espírito empreendedor necessita, para se materializar e produzir efeitos, de condições específicas que são vivenciadas por meio das relações sociais. O que faz com que a escola se apresenta como um dos primeiros passos para uma trajetória de sucesso, pois como instituição formal de ensino, torna-se uma das responsáveis pelo desenvolvimento de atividades que estimulem a memória e o raciocínio.

Aprender a aprender é, neste sentido, o lema da escola que busca apoiar a formação de alunos empreendedores, pois para contribuir com a formação de alguém que seja capaz de gerar novos conhecimentos a todo instante, é preciso construir o conhecimento apoiado nos quatro pilares da educação do século XXI: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a conviver.

Mas Dolabela (2006) lembra também, que apesar de a escola exercer influência importante, pesquisas comprovaram que quando a criança tem

empreendedores, em quem se espelharem em sua família, aumenta a chance de tornar-se empreendedor, ou seja, tanto as experiências vivenciadas na escola, quanto na família, podem apoiar a formação de pessoas empreendedoras.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando o critério de classificação de pesquisa proposto por Vergara (2009, p. 45) quanto aos fins, a pesquisa classifica-se como descritiva e quanto aos meios, como bibliográfica e de campo, para os quais foram estabelecidos instrumentos de coleta de dados.

Estabeleceu-se como universo da pesquisa a rede municipal de Vila Velha. E como amostra, profissionais do setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e os alunos dos 5º anos do turno matutino da Unidade Municipal de Ensino Fundamental Professora Emília do Espírito Santo Carneiro.

A Prefeitura Municipal de Vila Velha encontra-se no quarto ano de gestão do prefeito Neucimar Ferreira Fraga e atende, de acordo com o site da PMVV (2012), cerca de 35 mil alunos nas 60 unidades municipais de ensino fundamental. A atual secretária de educação, Wanessa Zavarese Sechim, assumiu em 2011 e inseriu, juntamente com sua equipe, no início do ano letivo de 2012, o empreendedorismo como disciplina na organização curricular dos alunos dos 2º ao 9º anos.

A UMEF Professora Emília do Espírito Santo Carneiro está situada no bairro Vale Encantado, no município de Vila Velha, e atende cerca de 950 crianças do 1º ao 5º anos do ensino fundamental, organizadas em 38 turmas, divididas em dois turnos (matutino e vespertino), tendo como gestor Delcymar Sant'Ana Nogueira.

A coleta de dados da pesquisa bibliográfica ocorreu por meio da técnica de fichamento. E para a pesquisa de campo, foram elaborados dois instrumentos: um questionário estruturado com quatro questões de múltipla escolha e seis questões abertas, destinadas aos alunos dos 5º anos do turno matutino da UMEF Professora Emília do Espírito Santo Carneiro; uma ficha de entrevista, estruturada com seis perguntas

abertas, destinadas à Carla Lima de Moraes Cabidel e Sylvania de Souza Silva, que atuam na coordenação de empreendedorismo do setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha.

Diante de uma amostra de quarenta e três alunos do 5º ano e duas professoras que fazem parte da equipe que coordenam o ensino de empreendedorismo na rede municipal de Vila Velha, os dados foram tratados de forma quantiquantitativa, possibilitando assim uma análise tanto estatística, como interpretativa.

RESULTADOS

Tendo como base o referencial teórico, é possível afirmar que a educação empreendedora visa à formação total do aluno, em seus aspectos emocionais e intelectuais, nos quais se apóiam a construção do conhecimento, podendo ser promovida tanto pela família, quanto pela escola. Mas considerando que a escola representa a institucionalização da educação e que os princípios da escola no século XXI, têm muita relação com a proposta da pedagogia empreendedora, é sua função a promoção de um ensino significativo, estimulador da ousadia, da criatividade e da perseverança.

A escola, nesta perspectiva deve apresentar-se como um espaço acolhedor e estimulador dos potenciais humanos, pois assim, o intelecto, a imaginação, a intuição e as demais atitudes criadoras, assumirão papéis de igual importância no desenvolvimento e aprendizado do aluno. A aprendizagem constitui-se então, por meio de um processo ativo, no qual o aluno se sente motivado a participar, por perceber os benefícios daquilo que se aprende. Pois, mais do que aprender conteúdos, ele estará, de acordo com os pilares da educação atual: aprendendo a ser, a fazer, a conhecer e a conviver.

Defende-se então que cabe a escola explorar o saber empreendedor de seus alunos, promovendo experiências que estimulem a exploração, a experimentação e a criação, pois em tempos atuais é insuficiente um ensino que tem como foco apenas os aspectos intelectuais. O que nos leva ao problema deste estudo: "A escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos?"

Buscando averiguar se na perspectiva da Secretaria de Educação, a escola tem explorado o saber empreendedor de seus alunos, foi perguntado, para Silvana Silva, que atua no apoio pedagógico da coordenação de empreendedorismo e, Carla Cabidel, coordenadora de empreendedorismo, “Quais as competências/habilidades de um empreendedor?”. Sendo apontadas 14 qualidades: criatividade, iniciativa, persuasão, planejamento, trabalho em equipe, organização, inovação, persistência, estabelecimento de metas, confiança, autonomia, responsabilidade, busca de oportunidades e comprometimento.

Em seguida foi perguntado: “Quais as competências/habilidades a escola tem desenvolvido?”. Carla Cabidel declarou que dentro de suas possibilidades a escola tem sim, procurado desenvolver as competências e habilidades empreendedoras, fazendo então alusão às qualidades citadas acima.

Mas em Vila Velha, com a inserção do empreendedorismo na organização curricular dos alunos dos 2º ao 9º anos do ensino fundamental, percebe-se também uma articulação da Secretaria Municipal de Educação. Sendo perguntado: “Com que objetivo o empreendedorismo foi inserido como disciplina no ensino fundamental?” e “O que se pretende mudar no panorama educacional de Vila Velha com esta disciplina?”.

Carla Cabidel esclarece que “Foi inserido com o objetivo de despertar nos alunos características empreendedores, contribuindo na formação de alunos críticos e com grande potencial de mudança, gerando desenvolvimento social e econômico dentro do Município”. Quanto à mudança no panorama, Silvana Silva, afirmou que se pretende: “Formar

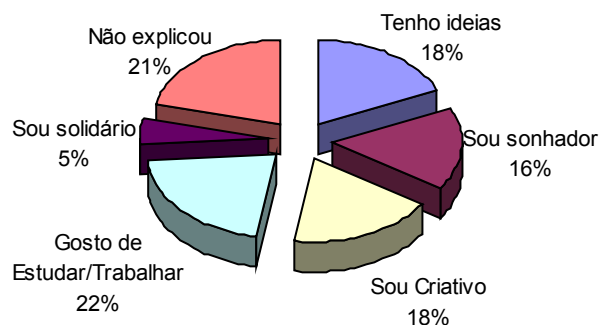
alunos mais autônomos e independentes, capazes de empreender a própria vida, pensar de maneira criativa e inovadora, com iniciativa para enfrentar os desafios com sabedoria”.

Diante da indagação, “Empreendedores: o que a escola tem com isso?”, Silvana Silva lembra que: “Hoje, tanto na vida como no mercado de trabalho, é exigida uma postura que coloque em evidência o indivíduo. Desta forma a escola exerce um papel fundamental na formação desses indivíduos”. Carla Cabidel defende que a escola, através de ações de estímulo ao empreendedorismo, poderá melhorar a qualidade de vida de seus alunos, destacando como principal objetivo: “preparar uma geração que seja capaz de sonhar, transformar os seus sonhos em metas e agir nas suas conquistas”.

Conclui-se então que os pressupostos no qual a coordenação de empreendedorismo da Secretaria de Educação do município de Vila Velha têm se apoiado, vêm ao encontro das pesquisas de Dolabela (2003) e Vasconcelos (2007). Defensores de que é preciso estimular a capacidade de sonhar, assim como fornecer as condições necessárias para o desenvolvimento das habilidades que permitirão que o indivíduo se beneficie de seus sonhos ao materializá-los.

Nesta perspectiva, pode-se pensar que a escola tem, de forma direta (como a inserção do empreendedorismo em Vila Velha) ou indireta (com os diversos fazeres garantidos nas salas de aula), tentado garantir experiências que desenvolvam as habilidades empreendedoras, por perceberem, conforme esclarecem Perrenoud (2002) e Dolabela (2006), que tais habilidades não são inatas, e sim desenvolvidas.

Grafico 1 - Você se considera uma pessoa empreendedora? Explique por que.



O que permite afirmar que a escola e os profissionais que nela atuam, têm se organizado, e dentro de suas possibilidades vem adequando-se às funções sociais que lhes são atribuídas, como a de apoiar o desenvolvimento das habilidades criativas de seus alunos. Mas assim como surgem novas possibilidades, também são grandes os desafios e obstáculo e superar os estigmas de uma educação fragmentada e conteudista, apresenta-se como uma tarefa complexa, o que faz com que ainda seja tímido o desenvolvimento de tais habilidades.

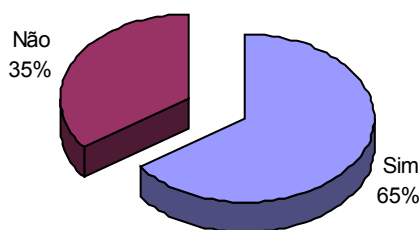
Por isso, considerou-se importante conhecer a percepção dos alunos, contanto, para isto, com a colaboração de 43 alunos dos 5º anos do matutino da UMEF Professora Emília do Espírito Santo Carneiro. Diante da pergunta, "Você se considera uma pessoa empreendedora?", 38 alunos afirmaram que sim, e

ao se avaliarem livremente, identificaram em si as características empreendedoras demonstradas no Gráfico 1.

Percebe-se então, que mesmo se tratando de uma avaliação aberta, as escolhas se concentraram em quatro qualidades empreendedoras: sonhar, ter ideias, ser criativo e gostar de estudar/trabalhar. O que nos leva a afirmar que 74% destes alunos se enquadram no perfil traçados por Dolabela (2003) e Pombo (2012): ser criativo, ter ideias, ser otimista (ou sonhador) e determinado (gostar de estudar e trabalhar).

Posteriormente, na etapa mais estrutura do questionário, quando perguntados se costumam ter ideias, apenas 1, dos 43 alunos, assinalou que não. Mas quando perguntado:

Gráfico 2 - Você costuma transformar suas ideias em realidade?



Percebe-se que apesar de 42 pessoas declarem que têm ideias, apenas 28 (65%) declararam que transformam suas ideias em realidade. Mas quando se pensa que ao todo 65% destes alunos, que têm em média 10 anos de idade, já organizam estratégias que permitem transformar o sonho em realidade, o percentual de alunos com perfil empreendedor parece considerável. Pois conforme defendem Dolabela (2003) e Vasconcelos (2007): é importante sonhar, mas também pensar em formas de tornar o sonho, realidade.

Quando perguntado a estes 65% de alunos o que é preciso para tornar o sonho realidade, já que eles têm alcançado sucesso na materialização de suas ideias, conforme nos mostra o gráfico abaixo, foram apresentadas por eles 3 ações principais: em 1º lugar ficou estudar, em 2º, lutar pelos desejos/sonhos e em 3º, ser criativo. (Gráfico 3)

A resposta para esta mesma pergunta foi tabulada separadamente, para visualização da resposta dos 35% que declarem que têm ideias, mas não transformam suas ideias em realidade. Buscou-se deste modo uma diferenciação entre a opinião daqueles que se declararam bem sucedidos na realização de sonhos/ideias (Gráfico 3) e os que declararam que não costumam tornar suas ideias em realidade (Gráfico 4).

No entanto, o percentual foi parecido, já que os dois mais citados foram ter persistência/esforço e estudar. Enfim, apesar de ainda não colherem frutos de seus esforços ou nem terem partido para o plano da ação, de um modo geral, têm a mesma percepção do outro grupo, ou seja, no ponto de vista dos 42 alunos, é possível realizar os sonhos por meio do estudo, do esforço e da persistência.

Enfim, tanto os que declaram que costumam transformar suas ideias em algo concreto, quanto os

Gráfico 3 - Em sua opinião, o que é preciso para tornar um sonho ou ideia, realidade?
(alunos que costumam transformar suas ideias em realidade)

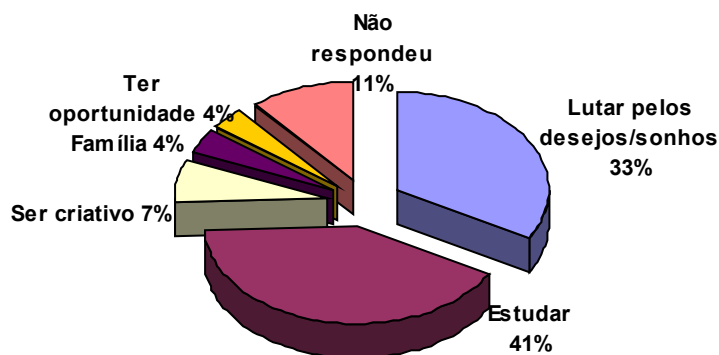
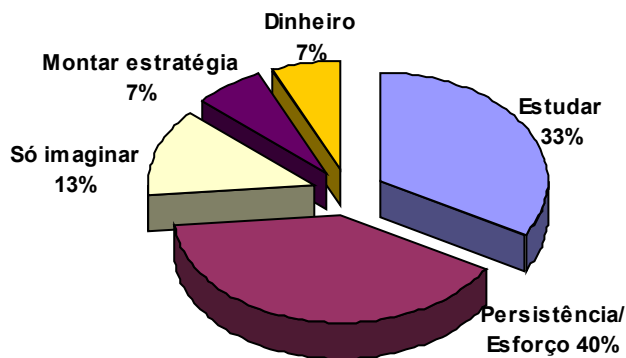


Gráfico 4 - Em sua opinião, o que é preciso para tornar um sonho ou ideia, realidade?
(alunos que não costumam transformar suas ideias em realidade)



que ainda não, acreditam que para transformar um sonho em realidade é preciso batalhar pelos desejos, lutar pelos sonhos, se esforçar e persistir. Mas vale ainda chamar a atenção, para o fato de que estudar, foi indicado livremente como a opção de 43% dos que transformam os sonhos em realidade e 33% dos que não. Um percentual considerável de alunos que contam com a educação e acreditam nela, para o desenvolvimento das habilidades necessárias para terem sucesso na vida.

Mas quando perguntado "Você acha que a escola pode te ajudar a tornar seus sonhos ou suas ideias realidade?", este percentual aumenta para 81%, conforme demonstra o Gráfico 5.

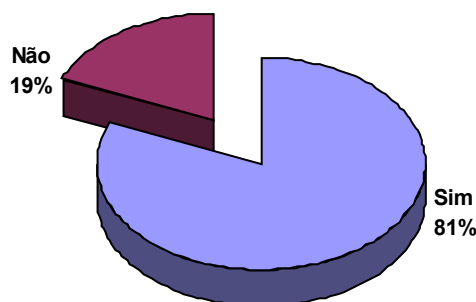
Ou seja, na perspectiva de 35 alunos dos 5º anos do turno matutino da UMEF Professora Emília do Espírito Santo Carneiro, a escola, enquanto instituição formal de ensino pode ajudar a realizar seus sonhos,

pode dar o suporte necessário para a ação, abrir-lhes possibilidades e dar sustentabilidade aos seus desejos.

Dentre os que disseram que sim, e estabeleceram a escola como estratégia para tornar seus sonhos sustentáveis, as justificativas são bem próximas, pois alegam que a escola é lugar de aprender e que essas aprendizagens, os ajudarão no futuro a ter um bom trabalho e na realização de seus sonhos. Mas os 19% dos alunos que declararam que não, em suas explicações demonstram que a escola não tem cumprido seu papel de ensinar ou eles de aprender e, de um modo geral, lhes falta à percepção da proximidade entre escola e vida.

Quando perguntado: Você acha que a disciplina de empreendedorismo pode te ajudar a tornar seus sonhos ou suas ideias realidade? O percentual de alunos que acreditam que por meio do estudo é possível realizar seus sonhos sobe de 81% para 91%.

Grafico 5 - Você acha que a escola pode te ajudar a tornar seus sonhos ou suas ideias realidade?



E a justificativa é de que esta disciplina os ajuda a perceberem-se empreendedores, ou seja, a identificar em si qualidades empreendedoras.

Por fim, buscando compreender, o que pode acontecer na escola e na disciplina de empreendedorismo, que na opinião dos alunos, os ajudariam a construir e ampliar suas habilidades empreendedoras identificou-se que: de um modo geral, eles esperam da escola a promoção de novas experiências de aprendizagens e veem na disciplina de empreendedorismo uma possibilidade de sair da escola, de exercitar a criatividade, de desenvolver novas habilidades, de sonhar.

Conclui-se assim que nas escolas da rede municipal de Vila Velha tem sido explorado o saber empreendedor dos alunos. No entanto, este estudo não nos permite atrelar estas experiências, unicamente a disciplina de empreendedorismo, apesar de que sua inserção ter, provavelmente, desencadeado o desenvolvimento de um trabalho mais específico. Vale salientar que as habilidades que os alunos hoje demonstram é fruto de toda a sua formação, ou seja, é resultado de um trabalho desenvolvido pela família, pela educação infantil (caso tenham tido acesso) e aos quatro anos já concluídos do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- DAVIS, C. OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**: uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Cultura, 2006.
- _____. **Pedagogia empreendedora**: o ensino de empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Cultura, 2003.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- KAUARK, F. MUNIZ, I. **Motivação no ensino e na aprendizagem**: competências e criatividade na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- VASCONCELOS, Flávio José Nelson de. **Pedagogia empreendedora**. Construir Notícias. 2007. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1361>. Acesso em: 25/03/2012.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **Universo da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- PERRENOUD, Philippe. MACHADO, Nilson José. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PMVV. **Prefeitura Municipal de Vila Velha**: tempo de construir. Disponível em: <http://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/educacao-ensino-fundamental>. Acesso em: 28/05/2012.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. **O que é ser empreendedor**. Brasília: Ed. Sebrae. Disponível em: <http://www.bte.com.br>. Acesso em: Fevereiro/2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.